

## **Relatório de Estágio na Editora Ponto de Fuga**

**Amanda de Castro Vital Maciel**

## **Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Agosto, 2021**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Zink, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos profissionais que acompanharam meu estágio – Vladimiro Nunes (editor na Ponto de Fuga), Rui Zink (meu professor-orientador) e os funcionários do Memorial Augusto dos Anjos (Sapé – Paraíba, Brasil), em nome de Jairo César;*

*Ao Pedro, pelo amor, companhia e apoio em tudo o que faço;*

*A minha mãe, pelo aconchego e afeto – ambos eternos;*

*Aos que me acompanham em outras atividades: Eduardo Lacerda, Pricila Gunutzmann e a equipa da Editora Patuá; Nuno Rau e o expediente da Revista Mallarmagens;*

*A todos os meus colegas e professores do Mestrado em Edição de Texto;*

*Aos amigos – porque os quero bem.*

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA EDITORA PONTO DE FUGA**

**AMANDA DE CASTRO VITAL MACIEL**

### **RESUMO**

O presente relatório tem como objetivo descrever as atividades realizadas na editora Ponto de Fuga, entre outubro de 2020 e março de 2021, período de estágio do Mestrado em Edição de Texto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O trabalho tem enfoque no detalhamento da transcrição, revisão, formatação e assistência editorial à obra poética de Augusto dos Anjos em português europeu pós-Acordo Ortográfico, e também inclui uma breve exposição de um projeto paralelo realizado durante o estágio, a revisão e formatação à Pequena história da música, de Mário de Andrade, ambos estreando em território português. Levando em consideração as funções desempenhadas no estágio, junto dos conhecimentos adquiridos durante o curso, o relatório também conta com uma breve análise a respeito da recepção prevista de ambas as obras dentro do mercado editorial português.

**Palavras-chave:** Estágio; Ponto de Fuga; Edição; Augusto dos Anjos; Literatura Brasileira

## ABSTRACT

This report aims to describe the activities carried out at Ponto de Fuga publishing house, between October 2020 and March 2021, internship period of the Master's Degree in Text Editing at the Faculty of Social and Human Sciences of Universidade Nova de Lisboa. The work focuses on detailing the transcription, revision, formatting and editorial assistance to the poetic work of Augusto dos Anjos in European Portuguese after the Orthographic Agreement, and also includes a brief presentation of a parallel project executed during the internship, the revision and formatting of *Pequena história da música*, written by Mário de Andrade, both premiering in Portuguese territory. Considering the functions performed in the internship, with the knowledge acquired during classes, the report also contains a brief analysis regarding the expected reception of both works within the Portuguese publishing market.

**Keywords:** Internship; Ponto de Fuga; Publishing; Augusto dos Anjos; Brazilian Literature

## ÍNDICE

Introdução .....	1
1. A Editora .....	5
2. O Estágio .....	11
3. O projeto que me foi atribuído .....	15
3.1. Projeto em paralelo: Mário de Andrade .....	22
Conclusão .....	26
Referências Bibliográficas .....	29
Anexos .....	31

## Introdução

*A água quieta do Tejo te abençoa.  
Tu representas toda essa Lisboa  
De glórias quase sobrenaturais (...)*

— Augusto dos Anjos

Em tempos pandémicos, quando se fala na expressão «trabalho à distância», pensamos (para além, é claro, de atividades dobradas e triplicadas, interrupções dentro do ambiente de casa, a ausência de toda a infraestrutura que compõe uma zona laboral e reajustes salariais) na tentativa de manter, na medida do possível, alguma espécie de normalidade do que já era feito presencialmente. Com novos recursos, novas tecnologias e novas maneiras de comunicação, o desafio de conservar o ritmo das tarefas (aumentá-las, preferencialmente, na mentalidade neoliberal de uma produção constantemente crescente) e fazer com que essas se concretizem é extraordinário. Sobretudo quando falamos a partir das áreas culturais, literárias, artísticas e de pensamento, que compõem alguns dos elementos na linha da frente dos tempos de crises; logo, algumas das áreas mais vulneráveis e de maior risco da não-sobrevivência ao colapso do confinamento.

Um dos exemplos mais marcantes foi o da Livros Cotovia, editora fundada em 1988 que encerrou suas atividades em maio deste ano<sup>1</sup>. Até ao final de 2020, contava com mais de 700 títulos de cerca de 350 autores, configurando-se num catálogo riquíssimo em qualidade, aclamado pela crítica e bem recebido pelos leitores. Diversas outras editoras e livrarias também sofreram com o cenário atual, tendo de migrar para formatos *online*, reduzir equipas, alterar o preço das publicações, aumentar as divulgações e modificar o formato de distribuição de seus livros. Tudo isso num espaço curtíssimo de tempo para tantas remodelações.

---

1 A editora já havia declarado que «2020 seria o último ano em que marcaria presença na Feira do Livro de Lisboa». Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/11/02/culturaipsilon/noticia/editora-livros-cotovia-encerra-site-loja-final-mes-1937672>>. Acesso em 13 de junho de 2021.

Mas para além do que tenta ser mantido, o *dar início* a uma novíssima atividade em tempos de distanciamento social e o medo vigente ao redor dos números de casos e de óbitos por COVID-19 é tarefa que exige trabalho em dobro, para além de buscar recursos não-convencionais para continuar e fazer perpetuar o que se pretende criar; mas o próprio *fazer criar*, dar o impulso inicial num lugar de solidão e de certa individualidade. É um trabalho que exige, sobretudo, coragem e esperança para dar continuidade diante desse cenário.

E foi nesse mesmíssimo cenário que dei início ao estágio para a conclusão do Mestrado em Edição de Texto, atividade realizada integralmente à distância, com materiais digitalizados e disponíveis em meio eletrónico. Nada de trocas de ideias frente a frente com o editor-chefe, acompanhamentos de tomadas de decisões presenciais, manipulação de materiais físicos e, mais importante, a aprendizagem palpável do dia-a-dia de uma editora, a vivência de seu ambiente, de sua rotina, de seus procedimentos, de sua essência.

No entanto, fizemos tudo acontecer. Tive uma experiência muito significativa para a conclusão do curso trabalhando com Vladimiro Nunes, meu supervisor de estágio e editor da Ponto de Fuga, casa que me acolheu de portas abertas e com generosidade desde o primeiro momento. Pela minha preferência em trabalhar com Literatura Brasileira, fiquei com dois projetos: o primeiro (e principal), da obra de Augusto dos Anjos (1884-1914), poeta natural da Paraíba, estado do nordeste brasileiro; o segundo, de teoria musical de Mário de Andrade (1893-1945), ambos para digitação, formatação e adaptação<sup>2</sup> para português de Portugal, com grafia pós-Acordo Ortográfico. No caso de Augusto, para além da edição de texto, tive a oportunidade de desenvolver, em conjunto com o editor, a apresentação da obra num texto de prefácio. Também a comunicação com meu orientador, Prof. Dr. Rui Zink, decorreu através de e-mail, com breves relatórios a respeito de ambas as atividades realizadas, visto que não tivemos a oportunidade de realizar encontros para a discussão e supervisão das tarefas.

---

2 O termo «adaptação», aqui, compete ao que direi mais à frente, que fez parte da minha atividade durante o estágio: voltar-me ao texto quanto a pontuações, expressões, nomes e sequências frásicas que utilizamos de maneira diferente em português do Brasil (algumas, inclusivamente, bastante específicas do território brasileiro), realizando alterações pontuais para que o leitor português as compreenda melhor, sem danos de grande profundidade ao material literário. Em alguns casos, bastou apenas uma breve nota para diferenciação.

Para além do quesito distância, não tive outros obstáculos na execução do estágio: a praticidade do próprio trabalho de finalização dos arquivos para a edição foi feita com relativa tranquilidade a partir de casa, com o auxílio de editores de texto; consultas a portais de bibliotecas digitais; a receção de arquivos por *e-mail*; eventuais reuniões e elaborações de relatórios; verificações de dicionários *online* para a adaptação de português brasileiro a português europeu; entre outros estudos, discussões e comunicações. Pude pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o mestrado, sobretudo nas disciplinas de Teoria de Edição, Crítica Textual e Técnicas de Edição, e acrescentar a parte prática, fundamental para dar sentido e corporalidade aos conhecimentos teóricos.

Trabalhar com a obra desses dois autores foi uma ótima experiência, dada a urgência e a importância em apresentá-las aos leitores de cá. A poesia de Augusto dos Anjos tem um nível de complexidade bastante particular, levando estudiosos, professores e pesquisadores até aos dias de hoje descascando camadas de densidades diferentes sobre o que é postulado como inclassificável numa escola literária. Já a obra de Mário de Andrade, *Pequena história da música*, traz consigo uma carga excepcional de trabalho debruçado sobre o estudo sócio-histórico da música, desde a música elementar até a Música Popular Brasileira – recorte feito até a publicação da obra, datada de 1944.

Além da apresentação das atividades realizadas durante o estágio, também acompanho o andamento da edição final simultaneamente à escrita do presente relatório, visto que a publicação está prevista para o segundo semestre de 2021, dadas as outras demandas da editora. Para pensar as tantas possibilidades da chegada dessas publicações, me concentro, ainda, na procura atual dos autores em território português e no interesse que pode proporcionar aos estudiosos, pesquisadores e leitores de Literatura Brasileira Modernista.

Ao final do relatório, inseri algumas imagens a título de exemplificação de como o trabalho foi executado, apontando as ferramentas utilizadas para a entrega dos documentos à editoria-chefe, além de minhas considerações finais a respeito do trabalho com Augusto dos Anjos.

Para além de exercer um trabalho que me possibilitou praticar o que aprendi durante o curso de Mestrado em Edição de Texto na Universidade Nova de Lisboa, pude unir a prática de edição e o pensamento editorial a meu vínculo afetivo com a poesia brasileira, pensando nas melhores maneiras de apresentar um material tão significativo para nós, leitores e estudantes nativos do outro lado do Atlântico, com a mesma valia, potência e riqueza literárias, de forma a torná-lo acessível em Portugal. Neste trabalho, aponto onde fui bem-sucedida e onde tive falhas durante o processo, onde apliquei meus conhecimentos e onde adquiri outros. Acredito que toda essa experiência concretiza minhas motivações em entrar para o curso e poder unir teoria e prática de edição de texto, sendo acompanhada por excelentes profissionais do estudo e do meio editorial.

## 1. A Editora

A editora Ponto de Fuga, fundada em 2014 por Vladimiro Nunes (editor-chefe) e Fátima Fonseca (assessoria e comunicação), tem e cumpre, desde o seu início, o objetivo de publicar autores de ficção, não-ficção, poesia e infantojuvenil, sobretudo a republicação de autores cujos títulos têm se ausentado cada vez mais das casas editoriais e livrarias – inclusive autores estrangeiros traduzidos para português. Em seu catálogo<sup>3</sup>, encontramos obras como *Na Curva Escura dos Cardos do Tempo*, de Leonor de Almeida; *No Alto da Árvore / Up in the Tree*, de Margaret Atwood (com tradução de Margarida Vale de Gato); *Obra Reunida*, de Manuel de Lima; *Momentos de Vida*, de Virginia Woolf; *Contos de Encantar*, de E. E. Cummings (com tradução de Hélia Correia e Rachel Caiano) e *Descobri que Era Europeia*, de Natália Correia.

No entanto, apesar de seu acervo muito bem selecionado em prosa e poesia, é importante apontar que a Ponto de Fuga deu início a suas atividades com a publicação de três volumes da banda desenhada dinamarquesa *Petzi*, de Carla e Vilhelm Hansen, com tradução para português por Susana Janic, nos volumes *Petzi constrói um barco*, *Petzi e a baleia* e *Petzi e a mãe peixe*. Foi a partir de janeiro de 2015, com a publicação do volume *Não Percas a Rosa*, de Natália Correia, que a editora passou a investir em outras literaturas, facto que irei expandir e detalhar um pouco mais à frente.

Localizada na Fábrica Braço de Prata, a editora independente está muito bem situada dentro de um centro cultural com salas de concerto, galerias de arte, entre outras acomodações para a realização de oficinas ligadas à arte e à cultura. Também tem uma chancela, a PIM! Edições, com um catálogo bastante diversificado de livros, focada sobretudo em literatura infantojuvenil, biografias e livros ligados à música.

A PIM! Edições não é uma chancela muito diferente da Ponto de Fuga: ambos os nomes acabam por dialogar com épocas similares. Seus catálogos não são tão distintos em termos de carácter e objetivos, mas um dos diferenciais está no fato de que na PIM!, enquanto há autores já consagrados, busca-se uma seleção também de uma espécie de *lado*

---

3 Catálogo consultado em <<http://pontodefuga.pt/comprar-livros/>>. Acesso em 12 de junho de 2021.

B literário, como policiais de época e livros de literatura alternativa, ambos convivendo num mesmo espaço.

Na chancela, Vladimiro e Fátima procuram, o mais próximo possível, replicar as edições originais dos livros (as coleções de Beatrix Potter, por exemplo), trabalhando mais a ilustração, já que a identidade visual da Ponto de Fuga trabalha mais com fotografias. Então não há uma estética de «contemporaneizar» o projeto gráfico, visto que os livros dão a alusão de edições mais antigas, ainda que publicadas nos dias de hoje.

Vladimiro Nunes, idealizador da editora Ponto de Fuga, também foi jornalista. Trabalhou no semanário *Sol* entre 2006 e 2012, redigindo matérias na área cultural (como notícias de eventos artísticos e lançamentos de livros), desenvolvendo pesquisas para projetos especiais do jornal e realizando entrevistas com figuras marcantes do meio literário, como José Saramago e Mário Cesariny. Além do jornalismo, também traduziu três obras para a editora Tinta-da-China. Desse modo, ambos os cargos foram importantes para a conceção da editora, que tanto tem um profundo interesse na publicação de autores clássicos traduzidos para a língua portuguesa, quanto busca alcançar autores já não publicados na contemporaneidade, alinhando a experiência da pesquisa no semanário à sua formação em Línguas, Literaturas e Culturas Modernas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Em suas funções nos suplementos, a lidar com prazos apertados para o exercício criativo, Vladimiro não podia meditar tão a fundo nos temas para a escrita de artigos, e gostaria de ter a opção de trabalhar num outro formato, com outro tempo: um tempo voltado para a literatura, já que o *tempo literário* é diferente do *tempo jornalístico*. Já tinha feito traduções e gostava muito de livros, então tinha alguma noção de como funcionava a indústria e decidiu que estava na altura de experimentar.

Do mesmo desejo de publicação de obras com qualidade literária e desconhecidas ou com um alcance muito restrito de público, Vladimiro e Fátima tornaram esses livros acessíveis. Mesmo com a publicação inicial do «ursinho *Petzi*», sempre buscaram anunciar a

Ponto de Fuga enquanto uma editora generalista<sup>4</sup>, com o cuidado de não deixarem que fosse confundida com uma editora restrita à publicação de literatura infantojuvenil.

Com um sentimento nostálgico ao redor de *Petzi*, planava, nesses trajetos iniciais, uma simbologia poética em arrancar com a editora republicando uma das coleções que a geração de Vladimiro e Fátima havia lido enquanto pequenos leitores. As edições receberam uma tradução direta do dinamarquês para português muito cuidada e bem trabalhada, o que começava a apresentar a Ponto de Fuga enquanto uma editora com a preocupação de quem se interessa pela história da edição, pela história dos livros que faz e pela perpetuação da memória.

Ainda na fundação da editora, alguns planeamentos estavam por definir, mas ambos possuíam ideias de livros que gostariam de editar: enquanto Fátima começou a desenhar uma coleção infantil um pouco diferente do que estava sendo editado e lançado na altura, Vladimiro já pensava na edição das obras de alguns autores, sobretudo portugueses, pela facilidade de publicação junto da Sociedade Portuguesa de Autores. Uma dessas autoras (e das primeiras apostas do que é, hoje, a Ponto de Fuga) foi a Natália Correia, escritora e poeta açoriana.

Amadurecendo a ideia e conhecendo mais e melhor o mercado, Vladimiro e Fátima organizaram uma estrutura maior, funcionando através de um escritório-livraria que, além de uma forma de vender os livros da Ponto de Fuga e da PIM! Edições (para além de suas lojas virtuais), também recebe amigos, colegas e leitores, e vende livros de editoras com uma linha semelhante à de ambas – ou seja, editoras que busquem recuperar e republicar obras antigas, pelo menos até ao período modernista, que já não estejam disponíveis no mercado.

Com essa proposta de valorizar e projetar os livros «esquecidos», chegaram à decisão de republicar Natália Correia, que estava localizada mais às sombras nas editoras, com apenas uma antologia de poemas no mercado. De início, decidiram por começar a recuperar a sua obra completa – e, nesse tempo, começaram a falar com Ângela Almeida, investigadora

---

4 «Vladimiro Nunes, editor e fundador da Ponto de Fuga, explicou à agência Lusa que a editora pretende ser generalista, mas os títulos que inaugurarão o catálogo serão os três primeiros volumes da série ‘Petzi’, com novas traduções por Susana Janic, a partir do original: ‘Petzi constrói um barco’, ‘Petzi e a baleia’ e ‘Petzi e a mãe peixe’». Disponível em: <<https://www.dn.pt/artes/livros/nova-editora-ponto-de-fuga-estrela-se-com-reedicao-do-petzi-4218567.html>>. Acesso em 16 de junho de 2021.

da obra de Natália, que tinha uma quantidade muito grande de inéditos da autora e indicou que valeria a pena resgatar o espólio de seus inéditos.

No caso de seu livro *Descobri que era europeia*, havia um exemplar da primeira edição repleto de anotações, com alterações que nunca chegaram a ser solicitadas pela autora. Tomaram, portanto, esse texto enquanto base crítico-genética para a edição (apesar de a intenção não ter sido fazer uma edição propriamente crítico-genética, já que a ideia de Vladimiro era reeditar obras com um «algo a mais» quando comparadas às primeiras edições), juntando, ainda, alguns relatos sobre viagens da Natália que faziam sentido para a obra.

O primeiro livro da autora pela Ponto de Fuga, no entanto, foi *Não percas a rosa*, uma espécie de diário com relatos escritos entre o 25 de abril e o 25 de novembro, ilustrado com fotografias de José António Correia, seu primo. Na publicação, o cuidado com investigações a documentos e acervos trouxe a corporalidade da obra literária para dentro dos livros, com a força de suas componentes autobiográficas.

Depois de algum tempo (e de outros lançamentos), os editores da Ponto de Fuga foram percebendo o porquê de publicarem tantas mulheres. A intenção da editora era recuperar vozes e livros de altíssima qualidade, literariamente dizendo, e que, por algum motivo, não tiveram a recepção que mereciam ter tido. Ora, desses livros, grande parte era feita de livros escritos por mulheres. Não era algo propositado, mas acabou sendo, essa função de dar segundas oportunidades a obras de autoria feminina que passaram despercebidas pelo panorama português.

O conceito de «editora generalista» aparece por nunca ter havido a questão de a Ponto de Fuga ser especializada num determinado recorte. A prazo, todo o conjunto fez e continua a fazer sentido em termos de catálogo, já que a editora parte de um projeto autoral, de curadoria de autores e livros que as pessoas podem gostar de descobrir, por se tratarem de obras que ficaram no passado por muito tempo, mas que auxiliam a pensar no que se acontece no tempo presente. Não vêm de um passado qualquer, mas de um passado recente, com clássicos mais modernos – alguns, quase contemporâneos, sobretudo do modernismo para cá. Interessa mais aos editores apostar numa certa atemporalidade, por

tratar-se de uma editora nova que procura impor a marca a partir da qualidade dos clássicos, para alargarem, posteriormente, à publicação de autores (ainda) mais contemporâneos, mantendo seus critérios e sua estética.

A equipa da PIM! Edições e da Ponto de Fuga é praticamente a mesma – para além de Vladimiro, Fátima e os estagiários, tradutores e designers *freelance*, contam com Joel Lima para a recuperação de obras, notas, introduções e contextualizações, e as capas são, em grande parte, de Nuno Saraiva (que trabalha com ilustrações e fotografias em uma marca distintiva, uma estética bem demarcada que foi essencial para a cristalização da casa editorial).

A distribuição não passa pela editora, visto que muitos projetos têm uma dimensão muito grande para a equipa, com tiragens que variam entre mil e dois mil exemplares impressos. Atualmente, contam com a distribuidora da Bertrand, podendo concentrar-se, essencialmente, na parte editorial. A comunicação é feita pela própria equipa: Vladimiro, pela experiência com o jornalismo, desenvolve *press releases* e trata dos envios para veículos de imprensa, críticos e jornalistas. Fátima também faz assessoria de imprensa, também com uma base de abordagens, circulação das notícias e atenção mediática para as edições.

Com a arrancada das publicações de Literatura Brasileira através de Augusto dos Anjos, a editora poderá dar início a um trabalho sistemático de apresentação de grandes autores brasileiros com pouca expressão em Portugal. Ferreira Gullar, no texto de introdução da *Obra Completa* do poeta, publicada em 1994 pela editora Nova Aguilar, fala sobre Augusto enquanto uma anunciação do modernismo, um autor que anuncia a rutura modernista. Pouco tempo depois de sua morte, acontece a *Semana de 22*<sup>5</sup>, então pode-se buscar algumas das vozes representativas dessa altura – como foi o caso de Mário de Andrade – e, ainda, o centenário do evento coincide com a celebração do aniversário de 200 anos da Independência do Brasil.

---

5 «A Semana de Arte Moderna nasceu no momento que o mundo assistia ao fim de uma grande guerra e tudo se renovava nas estruturas mentais e políticas da sociedade. Foi um verdadeiro marco na história de São Paulo, considerada um divisor de águas na cultura brasileira. O evento (...) declarou o rompimento com o tradicionalismo cultural associado às correntes literárias e artísticas anteriores: o parnasianismo, o simbolismo e a arte acadêmica. (...) A principal função da Semana de 22 para a história da arte brasileira foi romper o conservadorismo vigente no cenário cultural da época.» Disponível em: <<https://www.cultura.sp.gov.br/semana22/>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

Na visão de Vladimiro, pode haver uma movimentação de leitores interessante com uma nova remessa, uma nova levada: o simbolismo do Brasil livre, independente. Além disso, com a força dos 100 anos de Modernismo brasileiro, é possível proporcionar uma iniciativa mais alargada e que Augusto, sendo quase um prenunciador dessa rutura, surge para colher esses louros, mérito que Gullar muito bem atribui.

Além de funções objetivas – mas, nem por isso, menos sensíveis –, editar também é sinónimo de conhecer pessoas, ideias, livros, autores e, mais especial de tudo isso, proporcionar o intercâmbio de ideias e pensamentos. Há um livreiro em especial, Changuito (alcunha de Mário Guerra), da livraria Poesia Incompleta, que sugere diversas obras aos frequentadores do espaço, incluindo sempre a Literatura Brasileira entre elas. Augusto foi uma dessas valiosíssimas dicas de leitura de Changuito a Vladimiro, que acabou por tomar a iniciativa de editá-lo aqui.

E, é claro, entendo perfeitamente a sua vontade. Deparar-se com um poeta tão irreverente, seja pelo estilo inusitado na escrita de poesia, seja pela preciosidade de suas rimas, por suas combinações desconcertantes entre formas e imagéticas, e por tantas outras características igualmente impactantes, não há quem conheça sua poesia e não queira dar a conhecer: é quase um dever.

## 2. O Estágio

Como quase todos os estágios desenvolvidos no período de confinamento, o da Ponto de Fuga foi realizado totalmente à distância. Devido à pandemia, o andamento dos trabalhos deu-se a partir de casa, com comunicações por *e-mail* e reuniões não-presenciais. A editora está localizada em Lisboa e eu resido nas Gaeiras, no concelho de Óbidos; portanto, foi inviável realizar as atividades presencialmente, visto que levamos em conta questões como o agravamento dos casos na região metropolitana de Lisboa, além do bloqueio do trânsito entre concelhos em alguns dias da semana e pelo próprio funcionamento da editora acabar por se adaptar ao regime *home office*. No entanto, apesar de todas as restrições essenciais para a manutenção da saúde pública neste momento, o aproveitamento e o aprendizado durante os meses do estágio mantiveram-se estáveis do começo ao fim.

Após nos comunicarmos a respeito das funções que me seriam atribuídas (no caso, digitação de manuscritos, revisão e adequação de ortografia, inserção de comentários, participação em discussões sobre decisões editoriais, formatação e preparação para o envio à equipa de edição – diagramadores e capistas), Vladimiro indicou o interesse da editora em publicar a poesia de Augusto dos Anjos ainda este ano, uma escolha muito surpreendente.

Augusto dos Anjos (1884-1914) foi um autor brasileiro de grande relevância, do final do século XIX, que deixou uma produção poética extremamente singular, crítica e intrigante, não se adequando precisamente em nenhuma das escolas literárias postuladas na Literatura Brasileira. Nem simbolista, nem parnasianista e não classificado enquanto integrante de uma escola modernista (apesar de já apresentar sinais da chegada dessa nova leva, em poesia, que desafia o conservadorismo formal da literatura na época), sua poesia acaba por mostrar ser uma produção muito à frente de seu tempo histórico e, mesmo, literário, manifestando-se enquanto um fenómeno raro e muito curioso de se analisar.

Até então, a obra poética de Augusto não havia recebido nenhuma edição portuguesa, o que atizou ainda mais a curiosidade e o ímpeto em realizarmos a publicação. Ainda nessa ocasião, dialogamos sobre a aproximação do centenário da *Semana de 22* e o desejo de disponibilizar obras de autores do período modernista brasileiro, dando-os a

conhecer em território português, a fim de celebrar o aniversário dessa grande mobilização sócio-político-literária com a publicação de Mário de Andrade, um dos nomes mais marcantes desse período.

Por manifestar grande interesse na obra de Augusto dos Anjos (o poeta foi um dos primeiros objetos de estudo de minha graduação em Letras na Universidade Federal da Paraíba, quando tive imenso contacto com autores do nordeste brasileiro, para além de ter participado da organização de tertúlias voltadas para a declamação de poemas augustianos num projeto de extensão que exigia estudos e mapeamentos sobre a sua obra), Vladimiro atribuiu a mim o projeto da edição do livro, formatando em documento de texto, com revisão para português (Portugal) adaptado segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Inicialmente, trabalhei com o arquivo digital do livro *Eu (Poesias Completas)*<sup>6</sup>, publicado pela extinta editora Parahyba do Norte, em 1920, primeira edição de Augusto dos Anjos lançada após seu falecimento. O livro foi digitalizado na íntegra, em boa qualidade, pelo acervo virtual da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, em 2009 (ver Anexos B, C). Optamos por começar a trabalhar com essa obra, não propriamente com o livro *Eu* (1912), primeiro e único publicado por Augusto ainda em vida, justamente pelo *Eu (Poesias Completas)* tratar-se de uma expansão da obra original. O livro foi organizado e publicado por Órris Soares, amigo pessoal do autor e um de seus principais estudiosos, que acompanhava de perto sua vida e produção – e admite que, apesar de ter o subtítulo «Poesias Completas», a obra não conseguiu percorrer todo o terreno do poeta.

Já que não trabalhei com arquivos físicos, mantive em duas telas, lado a lado, o editor de textos e o arquivo digitalizado, realizando a digitação e a adaptação para português europeu pós-Acordo Ortográfico, em fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento 1,15 (que considerei ser um espaço entrelinhas adequado para poemas). Para essa atividade de transposição, fiz uso de dicionários virtuais (como o Priberam e o Infopédia) para verificar a ortografia de algumas palavras, visto que minha língua nativa é português do Brasil. Além disso, consultei a obra no portal Domínio Público<sup>7</sup>, que disponibiliza uma versão em português brasileiro do livro *Eu e Outras Poesias*, reedição que recebe o nome de ambas as

---

6 Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7656>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

7 Portal brasileiro de acesso livre a obras que caíram em domínio público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/>>. Acesso em 18 de junho de 2021.

secções do *Eu (Poesias Completas)*, mais atualizada gramaticalmente do que a edição de 1920 (ver Anexo D).

No entanto, foi a partir da receção da obra completa de Augusto dos Anjos publicada pela editora Nova Aguilar<sup>8</sup> (ver Anexo E), originalmente em 1994 – apesar de trabalharmos com a terceira reimpressão, de 2004 –, e com uma reunião com a equipa do Memorial Augusto dos Anjos de Sapé, na Paraíba, que se deu o meu estágio propriamente dito, visto que todos chegamos à conclusão de que era preferível trabalharmos com toda a obra poética do autor, não apenas com a edição de 1920, questões que aprofundarei na próxima secção.

Para além do trabalho com a obra poética de Augusto dos Anjos, Vladimiro também me delegou um projeto paralelo (para além desse, principal) com o livro *Pequena história da música*, de Mário de Andrade, um grande estudo de Música que abarca desde a Música Elementar até a Música Popular Brasileira de sua atualidade, na altura em que a primeira edição foi publicada. O material com o qual trabalhei também foi adaptado para o formato digital, baseado na edição de 1944, um ano antes do falecimento do autor. Mas como o foco principal foi a obra de Augusto, não pude me dedicar tanto a pesquisas – essas, que tomariam mais tempo, dada a minha falta de conhecimentos relacionados a teorias musicais –, resumindo a atividade a uma atenção aos elementos mesmos do texto; por exemplo, o ajuste de grafias e o tratamento da formatação.

Minhas atividades do estágio se pautaram, portanto, em digitação, formatação e revisão, preparando originais para a edição, além da discussão e da inserção de comentários a respeito das escolhas editoriais para a grafia de algumas palavras e a utilização de materiais. Para isso, minha metodologia de trabalho deu-se, sobretudo, através de editor de texto, fazendo uso de suas ferramentas para a comunicação com a diagramação, a inclusão de notas (dúvidas, revisões e algumas características particulares da adaptação para

---

8 «O objetivo desta edição – reunir, com o texto mais correto e definitivo, toda a obra de Augusto dos Anjos – vem, portanto, coroar o longo, difícil e vitorioso esforço comum pelo justo conhecimento de um poeta genial, na coleta e estruturação do corpus definitivo de seus escritos, reunindo desde os textos esteticamente primordiais – o *Eu* e as ‘Outras Poesias’ coletadas por Órris Soares – até os de interesse primordialmente histórico e biográfico, apesar de eventual interesse estético – a obra imatura recolhida sob o título de ‘Poemas Esquecidos’ ou encontrada posteriormente em periódicos, como os versos de circunstância do *Nonevar* – além da prosa, dispersa em jornais da época e parcialmente recolhida em diversos livros sobre o poeta, e da epistolografia, a partir das cartas reunidas por Ademar Vidal e outros dos seus biógrafos.» (trecho da nota editorial de Alexei Bueno para *Augusto dos Anjos: obra completa*, da Nova Aguilar, edição de 2004)

português europeu – sobretudo a atualização de termos e nomes próprios) e de comentários.

Além disso, a pesquisa relativa a ambas as obras foi fundamental: tanto a questão do livro como um todo, se haviam mais edições disponíveis online para consulta a quaisquer questões que surgissem referentes ao material textual, quanto alguns termos e expressões isoladas (a busca por uma coerência; ou seja, a visualização de que ambas as obras serão possivelmente publicadas neste ano, quase contemporaneamente ao relatório). Sobretudo, os produtos finais têm de fazer sentido no dia de hoje; o que é um desafio quando se trabalha com materiais não-contemporâneos.

### 3. O projeto que me foi atribuído

O ponto de partida da edição de Augusto dos Anjos foi, portanto, o arquivo digitalizado do livro *Eu (Poesias Completas)*, segunda edição do autor, datada de 1920, pela Parahyba do Norte. A edição foi organizada e tem introdução de Órris Soares, amigo pessoal de Augusto, que adicionou 46 novos poemas (os «outros poemas») aos originais mais de 50 poemas da primeira edição do *Eu*, publicada pelo próprio autor ainda em vida<sup>9</sup>. O livro divide-se, portanto, em duas secções: «Eu» e «Outros Poemas».

Iniciei a digitação do livro a partir desse arquivo digitalizado, também me baseando nos materiais de Augusto dos Anjos disponíveis no portal Domínio Público, como o *Eu e Outras Poesias*, documento retirado da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro – USP, para tirar dúvidas sobre a grafia de algumas palavras (o que foi realizado raras vezes nesse momento, já que a digitalização estava em bom estado, contendo apenas algumas manchas nas páginas iniciais e finais). Após a digitação de todo o material poético, incluindo o prefácio de Órris Soares para a obra, deixando em formatação limpa (fonte Times New Roman, tamanho 12, com quebras de página, atribuições de itálicos, negritos, recuos e outras questões relacionadas à mancha gráfica do texto), dei início à adaptação não apenas para a grafia atualizada das palavras, mas também para português europeu<sup>10</sup>, incluindo alguns comentários sobre a revisão no próprio editor de texto.

Todo o documento digitado e formatado dessa primeira obra póstuma do autor contava, até então, com 222 páginas. Para além das pesquisas nos documentos de Augusto dos Anjos do Domínio Público, também pesquisei alguns termos que possuíam grafias diferentes no Brasil e em Portugal, sobretudo nomes e termos ligados à espiritualidade e religiões ocidentais e orientais (apontarei alguns exemplos posteriormente).

---

9 O único livro do autor ainda em vida, *Eu*, de 1912, continha apenas 56 poemas. FLORES, C. P. – *Os doentes no EU*, p. 89. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/73269/45932>>. Acesso em 17 de junho de 2021.

10 Apesar de não dominar a gramática do português europeu, pude dialogar com Vladimiro para tirar dúvidas a respeito da grafia das palavras, da sintaxe e das estruturas das frases. Os comentários ao longo do documento também foram bastante úteis para debatermos, em conjunto, algumas soluções que fizessem sentido em Portugal e que não quebrassem o sentido na variante original.

Já que fiquei encarregada da assistência editorial do livro, aproveitei para contactar Jairo César, ex-diretor do Memorial Augusto dos Anjos, instituto localizado na cidade de Sapé, na Paraíba, estado de origem de Augusto, para verificar a possibilidade de expandir a obra para além do texto com documentos, manuscritos e fotografias. Jairo, enquanto um dos maiores pesquisadores e especialistas da obra de Augusto dos Anjos no estado (além de ter dirigido o Memorial, é ex-Secretário Executivo de Cultura e Turismo da cidade de Sapé), combinou uma reunião virtual por videoconferência com os profissionais responsáveis pelo Memorial naquela gestão para discutirmos a possibilidade do envio de materiais da obra do poeta para a composição da diagramação.

Nesta mesma reunião, Jairo alertou-me para o fato de o *Eu (Poesias Completas)* organizado por Órris Soares, apesar de ter alavancado uma expansão muito importante da obra original, se tratar de uma edição incompleta de Augusto. Para além das secções «Eu» e «Outros Poemas», existiam, ainda, os chamados «Poemas Esquecidos» e «Versos de Circunstância», duas secções acrescentadas numa das edições mais recentes da poesia completa de Augusto dos Anjos no Brasil, da editora Nova Aguilar (1994), com mais poemas encontrados em cadernos e periódicos – alguns deles com assinaturas sob pseudónimos, como Petronius, Mercúrio, Ovidius, Tales de Mileto e Chico das Couves, cada um com uma proposta diferente de abordagem formal e de estilo (entre lirismo, ironia, realismo, humor e sátiras acerca da sociedade da época).

As digitalizações dessas novas secções da Nova Aguilar foram enviadas a mim pela equipa do Memorial Augusto dos Anjos, além de alguns materiais do acervo da instituição – na altura, foram cedidos apenas os manuscritos de poemas disponíveis em seu acervo virtual<sup>11</sup>. No quesito fotografias, a equipa indicou o memorial de Augusto dos Anjos de Leopoldina, Minas Gerais (cidade de óbito do autor), o Museu Augusto dos Anjos, mas não obtive o mesmo êxito no contacto com o museu mineiro através de *e-mails* e mensagens para as redes sociais do instituto.

Ambos os espaços passavam por uma transição de gestão; logo, não foi possível dar continuidade a esse intercâmbio. Minha ponte limitou-se a Jairo César, que posteriormente

---

11 O site do Memorial Augusto dos Anjos, desde o início de 2021, encontra-se fora do ar. Com a mudança da gestão, o instituto passa por obras de revitalização.

realizou uma matéria sobre Augusto dos Anjos no suplemento Correio das Artes, do jornal A União, da Paraíba (Anexo A). Nesta ocasião, eu e Vladimiro elaboramos uma breve nota para a edição, que saiu em abril do presente ano<sup>12</sup>, numa matéria de Jairo com o título «Augusto dos Anjos é do mundo». Na matéria em questão, o poeta e professor incluiu, ainda, informações sobre as edições traduzidas da poesia augustiana: para russo, em 1978, numa antologia de poesia brasileira (não sendo uma obra individual), por Valério Perelechin; para alemão, em 1998, numa coletânea bilíngue com seus principais poemas, traduzida por Helga Reeck; para espanhol, o livro *Eu (Yo)*, na íntegra, publicado em 2002, com tradução de Marinalva Freire da Silva; além de traduções para italiano e inglês em algumas revistas e portais eletrônicos.

Como a digitalização dos outros poemas augustianos enviados pela equipa estavam em páginas separadas, reporteí minha dificuldade a Vladimiro, que prontamente me informou da possibilidade de envio da digitalização dessa mesma *Obra Completa*, na íntegra, incluindo toda a secção de poesia, a introdução geral (incluindo a fortuna crítica), os textos em prosa e alguns anexos. A obra encontrava-se na livraria Poesia Incompleta e Vladimiro pôde resgatar o livro para enviar em formato digital.

A partir daí, realizei todo um novo processo de digitação e adaptação a partir do arquivo da obra completa – em sua secção de poesia –, aproveitando os documentos que já havia transcrito, mas realizando novas comparações, adaptações e apontamentos de decisões editoriais, como opções de grafias de palavras.

Posteriormente, Vladimiro sugeriu a escrita conjunta do prefácio da obra poética pela Ponto de Fuga, convite o qual aceitei prontamente, aplicando meu aprendizado adquirido na Universidade Federal da Paraíba (especialmente dentro da disciplina Literatura Paraibana, ministrada pelo professor Amador Ribeiro Neto) a respeito da poesia de Augusto dos Anjos.

Em uma de nossas comunicações, o editor também indicou que a publicação da obra poética completa num único volume poderia ser inviável. Para apresentar Augusto aos portugueses, era preferível dar a arrancada com uma edição que contasse com poemas mais fortes e mais amadurecidos do poeta (como no *Eu* e nas *Outras Poesias*). Desse modo,

---

12 Disponível em: <<https://auniaio.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/edicao-digital-2021/correio-das-artes-abril-de-2021/view>>. Acesso em 17 de junho de 2021.

chegamos à conclusão da versão final, que consistiu em separar o material em publicações diferentes, dividindo um arquivo de 363 páginas em tamanho A4 de sua obra poética completa em três obras mais enxutas: uma primeira, voltada para os leitores iniciais de Augusto, com o *Eu e Outras Poesias*; uma segunda, mais intermédia, com os *Poemas Esquecidos*, encontrados em manuscritos e suplementos; e uma terceira, com os *Versos de Circunstância* (em sua maioria, poemas de cadernos, não publicados em suplementos, e que eram escritos sob pseudónimos e com propostas específicas – sejam críticas ao governo, críticas à sociedade, poemas sobre determinados eventos que se passaram na altura e alguns versos de humor e ironia), para os leitores que sentem curiosidade em conhecer um pouco mais de suas primeiras criações, para além do que é mais conhecido, estudado e divulgado do paraibano em Portugal – e mesmo no Brasil.

Em seguida, desenvolvi o prefácio referente à obra principal, *Eu e Outras Poesias*, também fazendo uso do embasamento teórico acerca da poesia de Augusto dos Anjos disponível na obra da Nova Aguilar, que conta com uma grande fortuna crítica de teóricos e estudiosos em sua Introdução Geral, com ensaios dos próprios Ferreira Gullar e Órris Soares, além de José Lins do Rego, Hermes Fontes, Gilberto Freyre e Antônio Houaiss.

Na adaptação para português europeu pós-Acordo Ortográfico, passaram-se duas atividades em uma: a atualização do próprio português brasileiro, também com suas modificações referentes ao acordo, simultaneamente à adaptação ao português europeu. Era preciso atualizar inicialmente a linguagem para o contemporâneo e, enquanto isso, também modificar grafias e acentuações e corrigir algumas gralhas que foram mantidas desde a primeira publicação, além de pesquisar por termos para verificar se coexistiam em ambas as variantes ou não (ver Anexos F, G) – como no caso da palavra «ducha», que me deixou com dúvida se adaptaria para «duche». De modo a não trocar todo o restante da sentença para o masculino e causar conflitos referentes a rimas, optei pela versão brasileira.

Outro desafio interessante foi quando o termo a ser alterado não compunha uma rima com o próximo verso, ou gerava alguma quebra na métrica – acontecimentos com os quais me deparei também na comparação com a obra da Nova Aguilar (ver Anexos H, I). Como a publicação foi atualizada para o Acordo Ortográfico brasileiro, percebi que algumas decisões editoriais oscilavam entre preservar as rimas, mas manter a palavra em sua forma

antiga; outras mantinham a grafia anterior para o trecho fazer sentido. Um exemplo foi a palavra «soidão», antiga grafia de «solidão», que teve de ser mantida para efeitos de ritmo e métrica.

Aqui, digo de todas as formas de rimas: a grafia atualizada da palavra «endecha», do poema «As cismas do destino», deixaria de tornar-se uma rima tão perfeita com «queixa». No entanto, ainda é uma rima. Minhas decisões também passaram por esse equilíbrio, tentando ora aplicar as mudanças para português europeu, ora fazer uso de determinadas palavras em português do Brasil, ora manter na variante mais antiga, publicada originalmente.

Ainda a respeito de gralhas e erros tipográficos da própria obra, também quando comparava os arquivos da Nova Aguilar, do *Eu (Poesias Completas)* de 1920 e do arquivo do Domínio Público, também identifiquei e solucionei algumas inadequações gramaticais. Uma questão que tive foi com as palavras «estorça» e «esforça»: a primeira, como estava grafado no original; a segunda, a que optei. Esse exemplo foi marcante pela dificuldade na decisão, visto que a estrofe era «É natural que esse Hércules se estorça,/E tombe para sempre nessas lutas,/Estrangulado pelas rodas brutas/Do mecanismo que tiver mais força.». Como «esforça» não manteria a rima com a palavra «força» (e não faria sentido anteceder «e tombe para sempre (...)»), escolhi «estorça», também considerando que poderia tratar-se de uma mancha na tipografia, não necessariamente uma gralha.

Passando, ainda, por questões tipográficas, a própria obra poética completa de 2004 também manteve algumas gralhas com relação ao exemplar anterior, as quais contestei em minha versão. Depois que abandonei a digitalização do *Eu*, organizado por Órris Soares, e peguei a edição da Nova Aguilar como referência para o trabalho, me deparei com algumas escolhas pontuais – por exemplo, «minha'alma» em lugar de «minh'alma», do original – que voltei a verter para a grafia original. Portanto, ora a versão da Nova Aguilar serviu como referência, ora como centro de debate.

Utilizei a ferramenta de «localização e substituição» no editor de texto para fazer alguns refinamentos, como alterações de palavras que se repetiam e que precisavam ser adequadas à grafia final: detetava as palavras que têm uma grafia diferente, como foi com

palavras como «autónoma», «hormona», «fenómeno»; além de nomes de deuses, entidades e países que são grafados de maneira diferente no Brasil e em Portugal – nomes vindos de crenças orientais, sobretudo (ver Anexos J, K, L). Além, ainda, das modificações extralinguísticas, referentes a pontuações e padronizações da formatação do texto. Um exemplo foi com as aspas: como identifiquei um uso maior das aspas quebradas («») em Portugal, alterei as aspas duplas (""") da minha primeira versão para elas. Outras pontuações, ainda, foram as reticências (...) que se diferenciam de meros três pontos no texto (e que têm influência no momento de diagramação). A padronização dos hífenes e traços longos também foi aplicada.

Ocorreu-me manter, ainda, algumas não-soluções com os poemas augustianos não publicados, encontrados em cadernos e no acervo pessoal do autor. Alguns deles encontravam-se inacabados, mas foram inclusos na obra poética completa. Com isso, tornou-se difícil prever quais palavras entrariam nas lacunas, ainda mais quando são palavras que terminam versos, visto que nem o próprio autor havia escrito, nem havia pensado nos termos corretos. Como a proposta da Ponto de Fuga não é criar uma edição crítico-genética, optei por manter essas lacunas (ver Anexos M, N).

Também a respeito da formatação, me deparei com poemas que jogavam com a forma e adicionei algumas sinalizações para que alguns detalhes fossem aplicados na edição, através da caixa de comentários, para que se atentasse a não quebrar o sentido de alguns poemas. O lado gráfico também trabalha na construção de sentido do poema. Um exemplo recorrente foi o da assinatura, localizada em itálico ao lado inferior esquerdo do poema, também servir como uma parte do poema (ver Anexos O, P).

O documento digitalizado da obra da Nova Aguilar, por tratar-se de um formato virtual, sofreu com alguns ruídos pontuais que atrapalharam um pouco a fidelidade do arquivo original. Alguns detalhes mínimos – como uma pequena dobra na página ou o livro não estar totalmente aberto no momento da digitalização – já podem ser motivo para uma turbulência na imagem do livro no computador. Isso aconteceu, sobretudo, com uma assinatura de um dos poemas que Augusto escreveu sob pseudónimos (provavelmente, poemas enviados a suplementos literários e jornais). Pesquisei os teóricos de sua poesia para

perceber quais eram esses pseudónimos e aplicar o nome a partir das letras iniciais disponíveis na imagem da página.

Esses foram alguns dos detalhes que considerei mais importantes a respeito do tratamento da obra poética de Augusto dos Anjos, realizados antes do envio oficial aos editores da Ponto de Fuga, e que gostaria de destacar no relatório – alguns por terem sido inéditos para mim (e destes tirei os maiores aprendizados), outros por carregarem alguma relevância, por considerar que vale o registo de seus caminhos até o destino final.

### 3.1. Projeto em paralelo: Mário de Andrade

Vladimiro e eu trabalhamos, ainda, num projeto paralelo à poesia augustiana, com um livro de estudos musicais de Mário de Andrade (1893-1945), *Pequena história da música* (ver Anexo Q). Como dito anteriormente, a *Semana de 22* tem seu centenário no próximo ano, e na ocasião, a editora optou por realizar a publicação de um dos fundadores do modernismo brasileiro, desafiando a crítica e criando uma grande desestabilidade nos padrões literários vigentes com a publicação de *Pauliceia Desvairada*, em 1922. A editora optou pela publicação de um material ensaístico de teoria musical, acrescentando ao catálogo um objeto que possa ser de grande interesse para leitores, pesquisadores e estudiosos de música.

Levamos em consideração, nesse projeto paralelo, a relevância de ambos os autores para o leitor português: Augusto dos Anjos, com sua poesia muito particular, e Mário de Andrade no forte embasamento teórico musical. Logo, temos de partida uma diversidade interessante entre uma e outra publicação, com dois grandes autores brasileiros, para além do *timing* que celebra marcos importantes na história da Literatura Brasileira.

Quanto a Mário, os pontos de partida para a execução do relatório foram um pedido de fotografias junto ao IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil, anexas em seu livro *O turista aprendiz*<sup>13</sup> (fotografias, essas, que seriam relevantes para a publicação, principalmente para o desenvolvimento da capa e do projeto gráfico) e, logo em seguida, a recepção do material a ser transcrito e adaptado para o português europeu pós-Acordo Ortográfico, *Pequena história da música*, editado pela Nova Fronteira em 2015. Com os dois materiais em mãos – sendo o primeiro já enviado aos editores, para que se agilizasse o trabalho com a capa e a elaboração dos primeiros rascunhos do projeto gráfico –, iniciei o trabalho com a obra.

Dado que a atividade de transcrição e revisão da *Pequena história da música* não foi o projeto principal como foi a assistência de edição da poesia de Augusto dos Anjos, me dediquei ao objeto-texto, transcrevendo e adaptando todo o material textual para a versão

13 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O\\_turista\\_aprendiz.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O_turista_aprendiz.pdf)>. Acesso em 19 de junho de 2021.

final, além de adicionar comentários, atentando para alguns detalhes de revisão, formatação, avisos aos diagramadores e dúvidas. Não foi possível trabalhar com nenhum material físico, da mesma forma como aconteceu no projeto principal; portanto, não foram feitas marcas de revisão, mas utilizei recursos de editores de texto eletrônicos.

A adaptação da obra, para além da questão gráfica (manter o texto o mais limpo e legível possível, com fonte Times New Roman entre tamanho 10 e 12 – 10 para notas, 12 para o texto em si –, e espaçamento entre linhas de 1,5, mantendo-se apenas parágrafos, negritos e itálicos, além de fonte e espaçamento menores para todas as notas de rodapé e notas de fim de capítulo) e gramatical, foi realizada com indicativos de inserção para os anexos, grafados em negrito e em cor vermelha, com comentários (ver Anexos R). O material original tinha diversas imagens e ilustrações de obras musicais dentro e fora do texto, além de importantes figuras de cada etapa do estudo musical de Mário. Quanto mais imagens foram acrescentadas, mais pesado e difícil de manipular o documento se tornava. Daí, a minha opção pelos indicativos textuais para cada imagem a ser introduzida posteriormente, no processo de diagramação.

Os anexos foram extraídos, compilados numa pasta compactada e enviados ao editor. Essa alternativa de indicar os anexos «verbalmente» foi escolhida tanto pela praticidade no momento da diagramação, quanto na não-fiabilidade em editores de texto de manterem o formato original de textos que contenham imagens e elementos gráficos não-textuais, sobretudo imagens dentro de linhas, junto do texto. Poderia haver alguma modificação no espaço entrelinhas, alterações na tabulação do texto que provavelmente se configurariam num problema no momento da diagramação.

Meu objeto maior de atenção foi o texto em si, visto que teoria musical não faz parte de minha área de conhecimento e não me sentia apta a alongar meu foco para além do que precisava ser adaptado dentro do material textual. Portanto, me concentrei em aplicar alterações em palavras, sentenças e expressões para adequar o conjunto do texto a português europeu.

Houve uma maior liberdade para alterações que não aconteceu com o projeto anterior, já que um material de ensaios acaba passando por uma leitura e uma análise

diferentes de um pensamento voltado para o poema, que leva em consideração todas as ferramentas de uma linguagem muito específica, com camadas de sensibilidades e um tato maior para ser realizada qualquer intervenção mais significativa. Manteve-se, ainda assim, o cuidado para não ser aplicada qualquer alteração de termos sem necessidade.

Alguns separadores de palavras (símbolos rendados/ilustrados, inexistentes no mapa de caracteres do computador, que separavam alguns nomes em legendas ou ilustravam o início e o fim de algum destaque, como os títulos dos capítulos), assim como na questão dos anexos, também foram suprimidos por uma questão editorial. Deixei a critério de Vladimiro e do restante da equipa para a escolha, visto que alguns desses símbolos poderiam estar em excesso, ou marcar algo próprio do original e da estética da editora Nova Fronteira, que publicou a *Pequena história da música* utilizada no estágio (ver Anexos S).

O trabalho com o livro também teve um diferencial com relação ao primeiro projeto, que foram as notas de fim de capítulo. Optei por deixá-las em tamanho menor (fonte 10), com quebra de página referente ao capítulo. Além disso, inseri o título adicional «NOTAS», para indicar essa diferenciação, o que considereei que poderia ser interessante se transposto para a diagramação (ver Anexo T).

Como Mário de Andrade tem – literariamente falando – uma identidade brasileira muito forte em sua linguagem, com o uso de nomes, termos e expressões com geografias de uso bastante específicas (até mesmo dentro do Brasil), além de alguns neologismos, tive alguma dificuldade em encontrar termos referentes a essas palavras, dado o contexto nas quais são utilizadas e dada a própria linguagem de Mário, que não poderia receber tantas interferências. Alguns termos fazem parte da criação do autor e não se tratam de equívocos; outros são nomes do entroncamento linguístico tupi-guarani (como «maracá», «curugu» e «pajelança»). É um fator que deve ser muito bem calculado para evitar interferências editoriais em excesso.

Outra adaptação foi na minibiografia do autor, que alterei de «nosso país» (a publicação é brasileira) para «Brasil». Atentei, ainda, para o fato de que essa secção foi escrita com Mário ainda vivo; portanto, a minibiografia deveria ser atualizada com seus trabalhos e atividades posteriores à publicação (ver Anexo U).

Após uma última revisão, o arquivo final contava com 165 páginas e foi enviado a Vladimiro algumas semanas após a entrega do material de Augusto dos Anjos. Ainda que com maior liberdade nas alterações, por ser um material prosaico, senti falta daquele *dialogar com o autor* que tive com o livro de poemas. Não acrescentei tantos comentários para além de questões muito pontuais, não podendo analisar o texto no todo e atentar para cada detalhe por tratar-se de um livro ensaístico bastante extenso, não relacionado com minha área de conhecimento.

## CONCLUSÃO

Ambas as obras – tanto a de Mário de Andrade, quanto a trilogia de Augusto dos Anjos – têm a publicação prevista para o final de 2021. No entanto, durante o desenvolvimento do projeto principal, apareceu uma problemática de logística editorial: a obra poética de Augusto faz sentido nas duas chancelas (Ponto de Fuga e PIM!), mas no momento atual, a casa editorial pretende recuperar projetos que deixaram para trás e preparar dimensões maiores a eles. Portanto, no âmbito de calcular a recepção desses textos, os editores também estão pensando na elaboração de uma chancela com tiragens menores, de 100 a 500 exemplares. Assim, existe a possibilidade de ambos os projetos serem lançados por essa nova aventura da Ponto de Fuga.

Após todo o trabalho feito, e depois de conhecer melhor a história e os objetivos da Ponto de Fuga, Vladimiro e eu percebemos que a recepção de Augusto dos Anjos em Portugal pode ser curiosa se conseguirmos chamar atenção para a sua própria existência. Para além do interesse dos leitores portugueses de Augusto dos Anjos, os outros leitores podem servir como câmaras de ressonância: o poeta é pouco conhecido até para quem estuda poesia brasileira, e há alguma esperança de que seus recetores saibam que a sua publicação em terras portuguesas é um acontecimento de peso, interesse e relevância.

Nas bibliotecas das principais universidades de Lisboa, UL e UNL, encontramos exemplares de Augusto dos Anjos. Se há livros nas estantes de seus espaços, na melhor das hipóteses, há leitores e pesquisadores. Também existem, para fora do ambiente acadêmico português, os pesquisadores informais e/ou autodidatas – *blogueiros* e divulgadores literários – além dos leitores meramente interessados na poesia augustiana, que também expõem e demonstram forte interesse em sua obra. Um outro exemplo: em março de 2014, a Casa América Latina incluiu, numa proposta de tertúlia, o nome de Augusto dos Anjos entre os poetas homenageados, solicitando que declamadores de poemas enviassem suas inscrições para uma leitura pública<sup>14</sup>.

---

14 Disponível em: <<http://casamericalatina.pt/2014/02/14/cal-convida-para-leituras-no-dia-mundial-da-poesia/>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

Não há como prever quantos leitores uma obra terá, mas com um breve mapeamento, conseguimos perceber que Augusto dos Anjos é um nome esperado em Portugal. Não só Augusto, mas a própria poesia brasileira modernista; alguns nomes mais, outros menos; alguns vindos de uma base de influência acadêmica, outros de espaços informais e até de vanguarda, das margens. Augusto dos Anjos é um nome que carrega leitores entre essas e outras diversas esferas em seu próprio país. Esperamos que também seja bem aproveitado cá, do outro lado do oceano, também ultrapassando limites territorialísticos com a sua poesia.

Entre os principais desafios acerca das atividades desenvolvidas, aponto a manipulação de dois materiais bastante extensos. Tratavam-se de 1) uma obra poética completa de um autor cuja primeira obra foi publicada na primeira década de 1900, com outro tipo de vocabulário e numa variante que não a de destino; e 2) uma obra de teoria musical, com diversos pormenores dos quais não tenho conhecimento. A digitação em si, um trabalho manual que corre simultaneamente ao intelectual (agravado, sobretudo, por ser à distância, sem a presença do editor, sem discussões *in presentia*, enquanto a digitação e a revisão são executadas) também é um grande desafio.

Como minha área é poesia, tive relativa tranquilidade em analisar a obra de Augusto para realizar adaptações, sugestões e comentários. Porém, em meu trabalho com a *Pequena história da música*, minhas análises basearam-se pura e simplesmente no texto, já que não houve uma sensibilidade tão grande quanto a que tive com a poesia de Augusto (que já havia sido meu objeto de estudo) para as adaptações. Minha atenção ao texto e minha visualização referente ao produto final foram as mesmas em ambas as obras, mas o gosto e o prazer de se trabalhar com a edição deu-se, mesmo, com o trabalho com a poesia augustiana.

Com a atividade de assistência editorial, aprendi que a preparação de um original é um passo fundamental para a concepção de toda a obra. É a oportunidade de analisar um conjunto textual somando-se à grande responsabilidade de preparar um material que será impresso, concretizado. Uma das partes iniciais do lançamento de uma obra no mercado. O respeito ao texto, ao autor e à língua (com todas as suas modificações ao longo do tempo)

são dos deveres essenciais de um editor; sendo, portanto, uma atividade fundamental, a meu ver, quando se deseja ingressar no campo da edição de livros.

Apesar de ter a oportunidade de utilizar as marcas de revisão aprendidas em Técnicas de Edição, os comentários no editor de texto foram minha opção durante todo o estágio por dois motivos: 1) a saída de meu objeto de trabalho seria em formato digital, .docx, e todo o material foi digitado para envio à diagramação – não houve trabalho com materiais físicos; 2) nos comentários do editor de texto era onde acontecia, de fato, a edição: a justificativa de minhas decisões, comentários, alguns apontamentos particulares (e extensos demais para caberem em algum canto de página física), todas as dúvidas que tive durante o processo e que o editor-chefe poderia analisar; as fontes as quais pesquisei para proceder determinada alteração perante o texto original (seja falta de coerência, sejam metamorfoses linguísticas).

Espero que o estágio seja um começo de uma caminhada nada fácil, certamente, mas com um ótimo aquecimento prévio para a sua arrancada – mérito que também não deixo de atribuir ao curso de Mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Após passar por todo o curso, penso que a edição é um espaço que combina o exercício criativo e o pensamento crítico numa área interessantíssima da construção desse contínuo mosaico que é a Literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia principal

ANJOS, Augusto dos, *Eu: Poesias Completas*, João Pessoa, Parahyba do Norte, 1920

ANJOS, Augusto dos, *Obra poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2004

ANDRADE, Mário de, *O turista aprendiz*, Brasília, Iphan, 2015

ANDRADE, Mário de, *Pequena história da música*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2015

### Obras consultadas

BARZUN, Jacques, *On Writing, Editing, and Publishing*, Chicago, CUP, 1986

EVANS, J., HALL, S., *Visual Culture: the Reader*, Londres, Sage, 1999

FOSTER, H., KRAUSS, R., BOIS, Y.-A., BUCHLOH, B.H.D., *Art Since 1900. Modernism, Antimodernism, Postmodernism*, Londres, Thames and Hudson, 2004

GROSS, Gerald (org.), *Editors on Editing – An Inside View of What Editors Really Do*, Nova Iorque, Harper & Row, 1985 [1962]

### Webgrafia

CASA AMÉRICA LATINA. «CAL convida para leituras no Dia Mundial da Poesia». Disponível em: <<http://casamericalatina.pt/2014/02/14/cal-convida-para-leituras-no-dia-mundial-da-poesia/>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

CÉZAR, J. (2021). Augusto dos Anjos é do mundo. *Correio das Artes*, **71**: 4-5. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/edicao-digital-2021/correio-das-artes-abril-de-2021/view>>. Acesso em 17 de junho de 2021.

CULTURA SP. «100 anos da Semana de Arte Moderna de 22». Disponível em: <<https://www.cultura.sp.gov.br/semana22/>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. «Nova editora Ponto de Fuga estreia-se com reedição do ‘Petzi’». Disponível em: <<https://www.dn.pt/artes/livros/nova-editora-ponto-de-fuga-estrea-se-com-reedicao-do-petzi-4218567.html>>. Acesso em 12 de junho de 2021.

DOMÍNIO PÚBLICO. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/>>. Acesso em 18 de junho de 2021.

FLORES, C. (2020). Os doentes no EU. *Outra travessia*, **29**: 81-102. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/73269/45932>>. Acesso em 17 de junho de 2021.

PÚBLICO. «Editora Livros Cotovia encerra site e loja 'para sempre' no final deste mês». Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/11/02/culturaipsilon/noticia/editora-livros-cotovia-encerra-site-loja-final-mes-1937672>>. Acesso em 13 de junho de 2021.

SOL. «Vladimiro Nunes. 'Há um bloqueio ideológico à esquerda e à direita em relação à Natália'». Disponível em: <<https://sol.sapo.pt/artigo/604972/vladimiro-nunes-ha-um-bloqueio-ideologico-a-esquerda-e-a-direita-em-relacao-a-natalia->>. Acesso em 18 de julho de 2021.

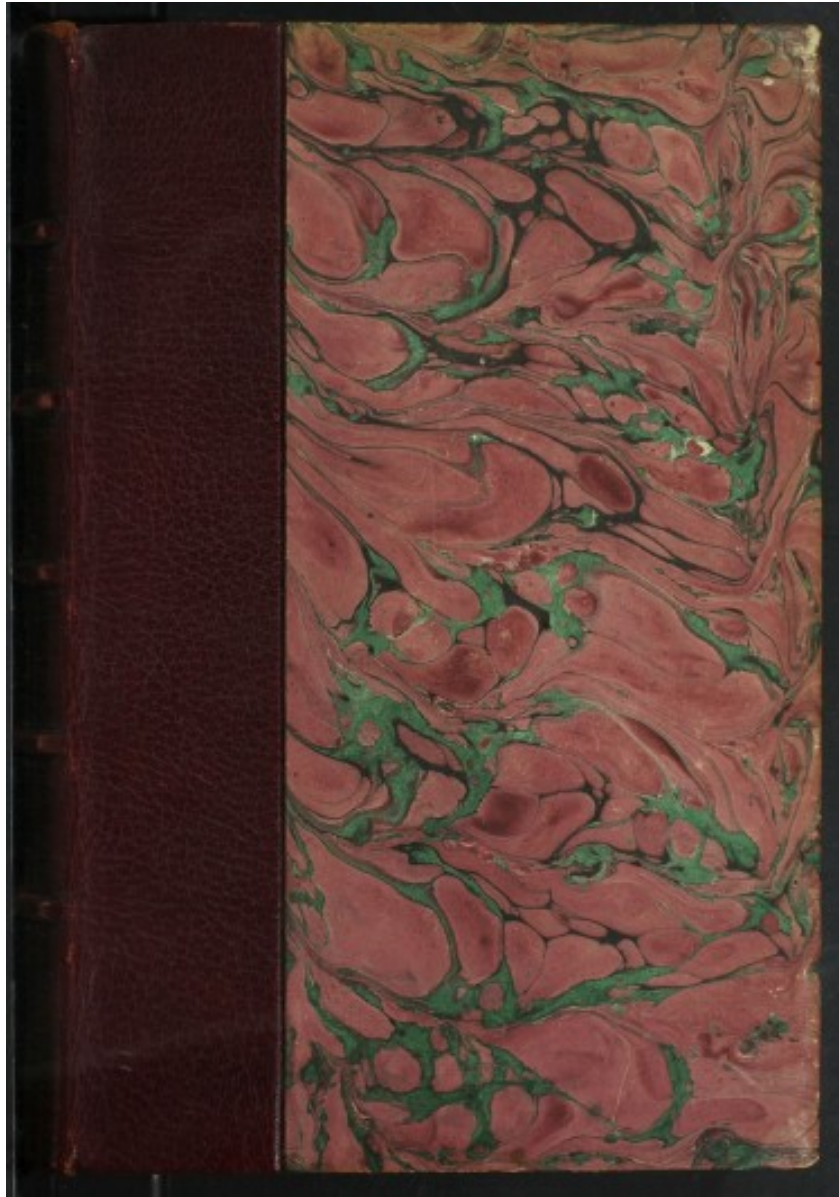
## ANEXOS

### Anexo A

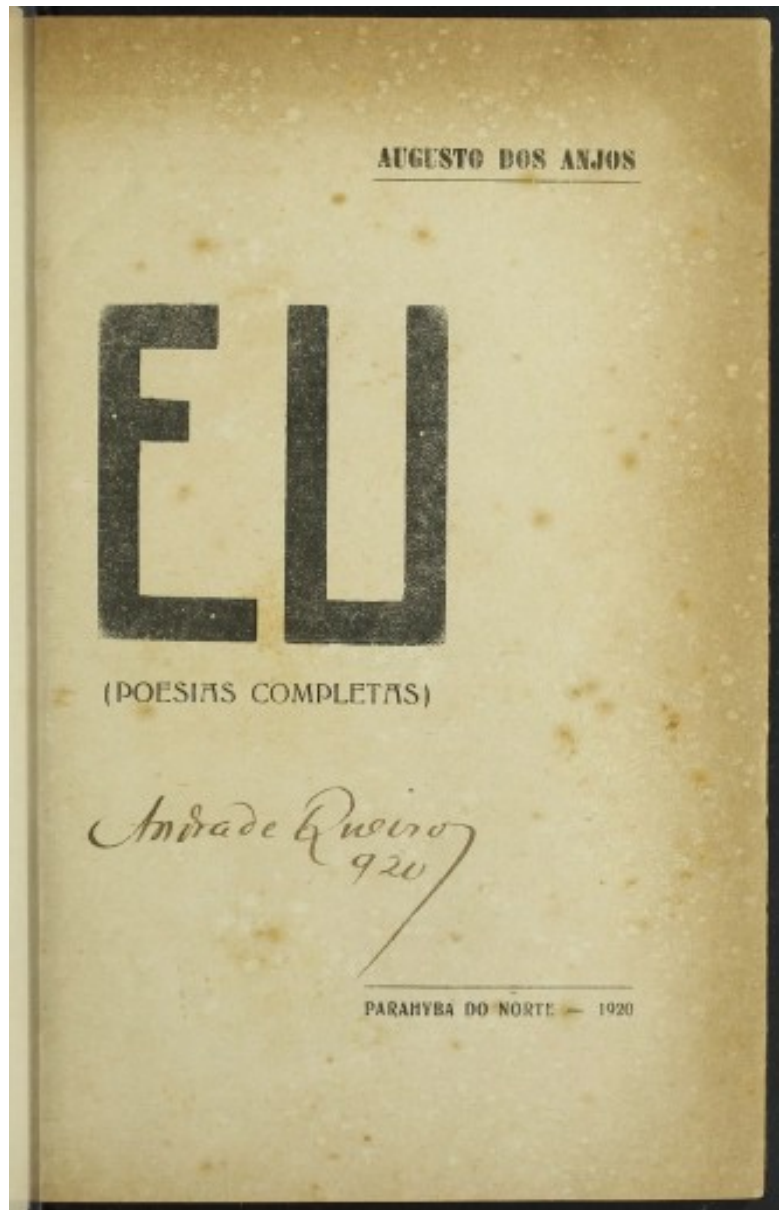
A poesia de Augusto dos Anjos também chega em território português em 2021, pela editora Ponto de Fuga (<http://pontodefuga.pt/>). A obra está sendo trabalhada com a curadoria e a edição de Amanda Vital (aluna da Universidade Nova de Lisboa) e Vladimiro Nunes, e teve contribuições de manuscritos e fotografias do acervo Memorial Augusto dos Anjos de Sapé, na Paraíba, digitalizado em 2016, com aporte financeiro do FIC.

O intuito é apresentar os poemas de Augusto a novos leitores, em sua primeira edição integralmente portuguesa, obedecendo ao acordo ortográfico de 1990, atesta Amanda Vital, que nos informou que a editora, fundada em 2014, é independente e tem como missão reeditar títulos que mereçam destaque.

Anexo B



Anexo C



## Anexo D

### Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos

**Fonte:**

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

**Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

**Texto-base digitalizado por:**

Francisco de Mesquita Moreira – Rio de Janeiro/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

### EU E OUTRAS POESIAS Augusto dos Anjos

#### MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.  
Em minha ignota mônada, ampla, vibra  
A alma dos movimentos rotatórios...  
E é de mim que decorrem, simultâneas,  
A saúde das forças subterrâneas  
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,  
Não conheço o acidente da *Senectus*  
-- Esta universitária sanguessuga  
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,  
O amarelecimento do papyrus  
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma  
-- O metafisicismo de Abidarma --  
E trago, sem bramânicas tesouras,  
Como um dorso de azêmola passiva,  
A solidariedade subjetiva  
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana  
Mostro meu nojo à Natureza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho...  
Amo o estercor, os resíduos ruins dos quiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
É com certeza meu irmão mais velho!

Anexo E

AUGUSTO  
DOS ANJOS

OBRA COMPLETA

ORGANIZAÇÃO, FIXAÇÃO DO TEXTO E NOTAS

*Alexei Bueno*

AUGUSTO DOS ANJOS: ORIGENS DE UMA POÉTICA

*Alexei Bueno*

FORTUNA CRÍTICA

*Hermes Fontes, Antônio Torres, Orris Soares, João Ribeiro,  
Gilberto Freyre, Agripino Grieco, Medeiros e Albuquerque,  
Raul Machado, José Oiticica, Manuel Bandeira, Álvaro Lins,  
Andrade Muricy, José Lins do Rego, José Escobar Farias,  
Carlos Burlamaqui Kopke, Wilson Castelo Branco,  
Fausto Cunha, Antônio Houaiss, Eudes Barros,  
Elbio Spencer, Anatol Rosenfeld*



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 2004

## Anexo F

A. SÁ

Verdade ou não! O fato é que se achava  
Entre as superstições de um povo prisco  
O Basilisco — um sáurio que matava  
Com o olhar! — Teus olhos são de Basilisco...

Verdade ou não! Mas da Sereia diz-se  
Que no alto-mar, noites de lua cheia,  
Atraía com a voz o nauça!... — Alice,  
A tua voz é como a da Sereia...

Verdade ou não! Contam de Vênus que ela,  
O sonho de estatuária dos helenos,  
Usando o Céstio se tornou mais bela!  
— Tu tens o Céstio mágico de Vênus...

Eis porque é que de joelhos às tuas plantas  
Lanças humilde a humanidade, a um gesto:  
— Matas com o olhar, prendes com a voz e encantas  
Com as mágicas virtudes do teu Céstio...

*Mercúrio*

"superstições" na edição de Nova Aguiar – erro de ortografia?

Autor desconhecido  
19-12-2020 03:54

## Anexo G

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!  
Quando, se o amor que a Humanidade inspira  
É o amor do sibarita e da hetaira,  
De Messalina e de Sardanápalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique imaterializado

"E" na versão da Nova Aguilã. Mas acredito ser um erro tipográfico, porque a frase ficaria incoerente. Na primeira versão, está "É".

Autor desconhecido  
02-12-2020 03:54

## Anexo H

Era a revolta trágica dos tipos  
Ontogênicos mais elementares,  
Desde os foraminíferos dos mares  
À grei liliputiana dos polipos.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a boca muda  
A ganglionária célula intermédia.

No original, "polypos". Gramaticalmente, o ideal é "pólipos", mas quebra a rima anterior com "tipos". Versões atuais dividem-se entre a escolha por "polipos" e "pólipos". Foi utilizado "polipos" em toda a versão da Nova Aguilar.

AMANDA VITAL  
02-11-2020 00:02



## Anexo I

AP. DOS A.

Este endemoniado e único tipo  
— Bisneto espiritual de Satanaz,  
Lembra, na sua crítica mordaz,  
As sátiras modernas de Menippo.

*Tales de Mileto*

Como está na versão da Nova  
Aguilar.

Autor desconhecido  
06-12-2020 20:06

## Anexo J

Eu, perdido no Cosmos, me tornara  
A assembléja belígera malsã,  
Onde Ormuzd guerreava com Arimã,  
Na discórdia perpétua do *sansara!*

Já me fazia medo aquela viagem  
A carregar pelas ladeiras tétricas,  
Na óssea armação das vértebras simétricas

Com exceção de uma, todas as versões desse poema grafam "sansara" (e o próprio original está grafado com n), mas também encontro pesquisas relacionadas à Ormuzd e Arimã com "samsara" (no entanto, são sempre pesquisas em inglês).

Autor desconhecido  
23-11-2020 04:51

## Anexo K

### CANTO DE OMNIPOTÊNCIA

Cloto, Átropos, Tifon, Lâquesis, Shiva...

E acima deles, como um astro, a arder

Na hiperculminação definitiva

O meu supremo e extraordinário Ser!

Original: "Stropos". No entanto, não há nenhuma entidade na mitologia com esse nome, apenas Átropos. Talvez, erro de tipografia.

Autor desconhecido  
20-11-2020 04:49

Original: "Siva". Optei pela grafia mais conhecida na Europa.

Autor desconhecido  
20-11-2020 04:50

## Anexo L

invariante no tempo, nei de sempre viorar  
Na estática fatal das emoções humanas.  
Os gregos com a Odisseia e os hindus com os Puranas,  
A máxima figura antiga de Moisés,  
A Idade Média com todos os menestrelis  
E todas as canções que a sua noite encerra,  
Tudo que tem erguido e engrandecido a terra,  
A lira de Saul e os salmos de David:  
Tudo isto, como um Deus, eu trago para aqui.  
Sou a revelação do nómeno absoluto.  
Somente eu sei, somente eu conheço, eu perscruto  
O mistério do tato e o segredo do som.  
Tenho a penetração de Edouard Pailleron  
Que para devassar toda a alma feminina  
Nunca necessitou de intervenção divina  
E artificios brutais de jogral ou segrel.  
Tocaram minha frente os dedos de Daniel.

Original: "nóumeno". No entanto, em poema anterior, precisou utilizar-se "nómeno" para o jogo de palavras com fenómeno. Portanto, permaneci com a grafia "nómeno".

Autor desconhecido  
19-12-2020 03:23

## Anexo M

É a visita alarmante do que outrora  
Na abundância prospér~~ima~~ da aurora,  
Poderá progredir, talvez, decerto,  
Mas que, adstrito a inferior plasma inconsútil,  
Ficou rolando, como aborto inútil,  
Como o . . . . . do deserto!

Vede! A prostituição ofidia aziaga  
Cujo tóxico instila a infâmia, e a estraga  
Na delinquência . . . . . impune,  
Agarrou-se-lhe aos seios impudicos  
Como o abraço mortífero do Ficus

Poema não finalizado;  
encontra-se com essas  
lacunas no original. Acredito  
que o organizador quis  
recuperar o poema, mesmo  
inacabado, para unir à  
publicação.

Autor desconhecido  
20-11-2020 03:47

## Anexo N

Sentir a língua aluir-se-lhe na boca

E com a cabeça sem cabelos, oca . . . . .

Na horrorosa avulsão da forma nívea

Dizer ainda palavras de lascívia . . . . .

Este verso já possui um decassílabo, mas o organizador da obra manteve os pontos. Fiquei em dúvida se retiraria ou não.

Autor desconhecido  
20-11-2020 03:59



## Anexos O

E ao cabo disto, num café urbano,  
Achincalhando o sentimento humano  
Põe-se estrondosamente a gargalhar.

*Petronius*

No documento, a palavra está cortada – aparece “Petror”; no entanto, acredito que tenha sido da digitalização. Não encontrei nenhuma referência associando Augusto e o nome “Petror”.

Autor desconhecido  
06-12-2020 20:44

E ao cabo disto, num café urbano,  
Achincalhando o sentimento humano  
Põe-se estrondosamente a gargalhar.

Petror

## Anexo P

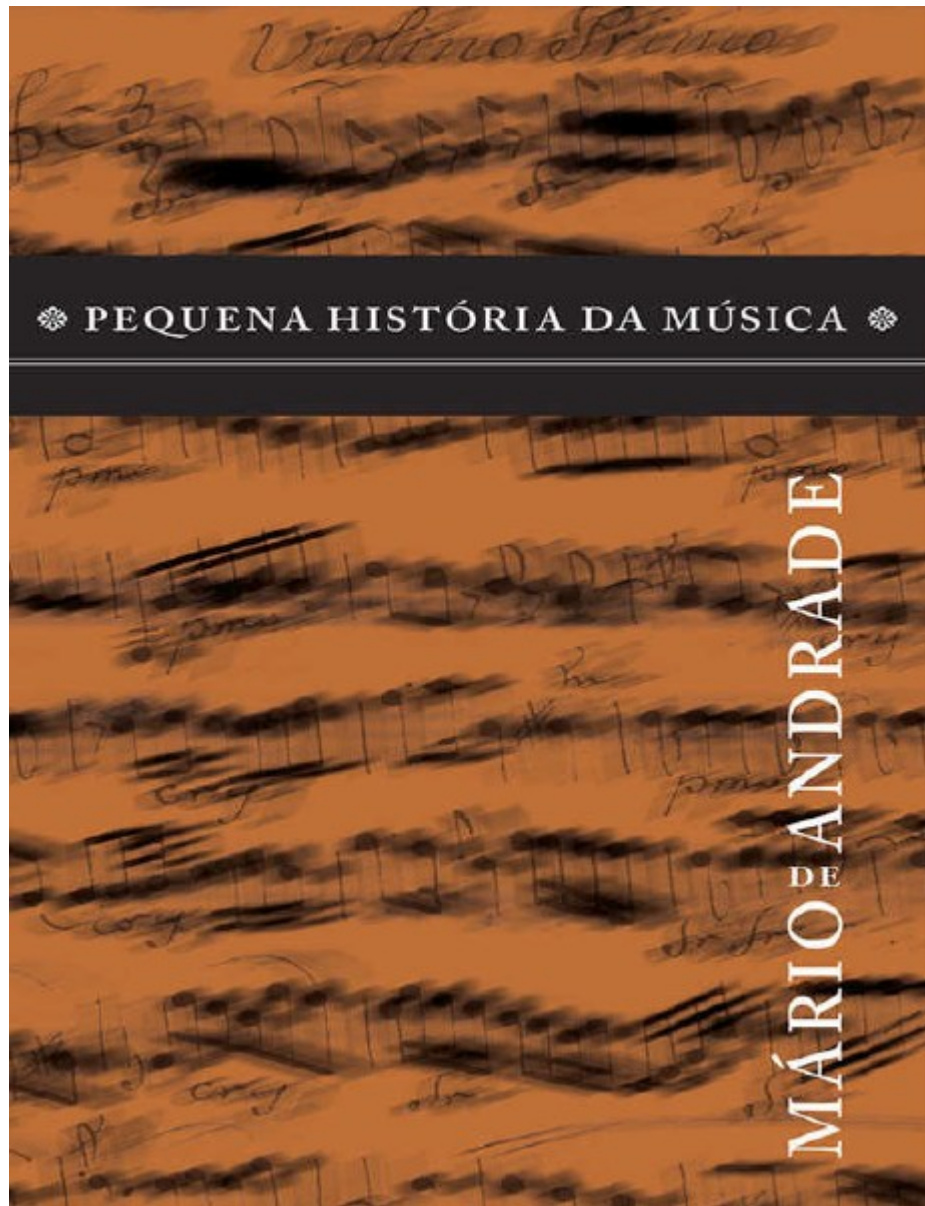
Tentam da Inveja os ínfimos ofídios  
Mordê-la. É em vão! Espera-os o hiante ocaso.  
Ivone, adeus! Publius, Ovidius Naso  
(Que é o nome inteiro) ou simplesmente:

Ovidius

Mesmo caso de um dos poemas anteriores: a assinatura faz parte do poema.

Autor desconhecido  
06-12-2020 20:56



Anexo Q



## Anexos R



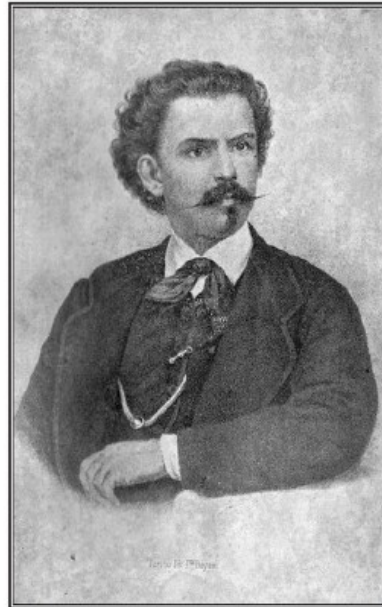
---

Esta clareza é mais aparente que real pois o valor de tempo desses sinais variava ou na peça toda ou pela relação das notas vizinhas na escrita. Chamavam à ternaridade de Proporção Perfeita e à binaridade de Proporção Imperfeita: Perfeição e Imperfeição. Outra nota existente desde início era a Dupla-longa ou Máxima , em que a binaridade se manifestava, pois valia teoricamente duas longas. As pausas iam aparecendo simultaneamente com as notas. A Mínima  aparece no século XIV; e no século XV, quando os movimentos foram se tornando mais rápidos, a precisão de indicar isso foi criando os sinais consecutivos de Semiminima, Fusa e Semifusa.

### ANEXO 19

Esta clareza é mais aparente que real pois o valor de tempo desses sinais variava ou na peça toda ou pela relação das notas vizinhas na escrita. Chamavam à ternaridade de Proporção Perfeita e à binaridade de Proporção Imperfeita: Perfeição e Imperfeição. Outra nota existente desde início era a Dupla-longa ou Máxima **ANEXO 20**, em que a binaridade se manifestava, pois valia teoricamente duas longas. As pausas iam aparecendo simultaneamente com as notas. A Mínima **ANEXO 21** aparece no século XIV; e no século XV, quando os movimentos foram se tornando mais rápidos, a precisão de indicar isso foi criando os sinais consecutivos de Semiminima, Fusa e Semifusa.

## Anexos S



❁ *Carlos Gomes* ❁ Litografia Doyen, Turim ❁ Col. M. de A.

### ANEXO 1

*Carlos Gomes* Litografia Doyen, Turim – Col. M. de A.

No original, os separadores são um símbolo rendado. Como não foi possível copiar o símbolo, substituí por um traço.

Autor desconhecido  
09-05-2021 17:24

## Anexo T

### NOTAS

2. Veja a opinião de Curt Sachs, na nota 6 a seguir.
3. Tanto mais que a gente não pode conceber nem como tonalidades, nem como modos, a bem dizer nem

Título adicional nesta revisão,  
para marcar as notas de fim de  
capítulo.

Autor desconhecido  
08-05-2021 18:10

## Anexo U

### SOBRE O AUTOR

**MÁRIO DE ANDRADE**, nascido em São Paulo, em 1893, iniciou sua carreira em 1917, com *Há uma gota de sangue em cada poema*. A esse, seguiram-se muitos outros títulos, cerca de vinte, dentre os quais se destaca *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de 1928. Consagrado não apenas como poeta e ficcionista, Mário de Andrade mostra-se um exímio crítico de arte e pesquisador de manifestações da cultura popular do Brasil.

Minibio retirada da edição da Nova Fronteira. Os dados sobre a coleção foram ocultados. Adaptação de "nosso país" para "Brasil".

Autor desconhecido

09-05-2021 02:49